

A INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM CÃES

Carlos Alexandre da Fonseca¹, Flávia Ferreira Araújo²

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira - Universo – Belo Horizonte/MG – Brasil

²Docente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira de Belo Horizonte – Universo BH – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: flavia.araujo@bh.universo.edu.br

INTRODUÇÃO

A incontinência urinária é definida como a perda involuntária da doenças endócrinas, infecciosas, anormalidades anatômicas ou por diferentes razões relacionadas à função de armazenamento de urina ou esvaziamento, como alterações na pressão abdominal, fechamento da uretra, dilatação e espasmo vesical, incontinência urinária secundária a lesões pós cirúrgicas, lesão do sistema nervoso, neoplasias ou mesmo idiopática. Portanto, para um prognóstico preciso, é importante realizar o diagnóstico correto, a partir de uma anamnese completa, histórico médico do animal, determinar o tipo e se há um controle da incontinência e assim diagnosticar sua causa primária. Tais fatores promovem a necessidade da revisão literária e entendimento da causa primária como diagnóstico definitivo.

METODOLOGIA

Estudo de revisão de literatura, onde mostra-se as causas da incontinência urinária em cães e quais suas possíveis causas e profilaxias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A bexiga é o órgão responsável pelo armazenamento da urina estruturalmente oco e com uma membrana muscular cuja forma, tamanho e posição variam de acordo com a quantidade de urina que contém. A vesícula é pequena e esférica, estendendo-se até o abdômen em carnívoros, a bexiga é revestida por um epitélio de transição e possui duas pregas que se prolongam da região do colo até a abertura uretral e delimitam uma área triangular, chamado de triângulo vesical, onde se localiza três óstios, dois ureterais e o óstio interno da uretra, região que possui sensibilidade aumentada. A vesícula urinária recebe a inervação parassimpática a partir dos segmentos medulares S1 – S3 que formam o nervo pélvico parassimpático, que transmite a informação sensitiva e motora ao músculo liso da parede da bexiga e ao músculo detrusor. Já a inervação simpática, pelos nervos esplênicos lombares, localizada entre a L2 e L5, chega à bexiga através do nervo hipogástrico inervando o músculo liso da uretra proximal e a sua dilatação.

Para um diagnóstico mais preciso, é fundamental que tenha um histórico detalhado do animal e a determinação se o animal tem consciência da micção ou se passou a ser um processo não fisiológico, assim como o uso de medicações e o período que ocorre a incontinência. Deve ser realizado, um exame físico completo, com atenção especial ao sistema urogenital e ao sistema nervoso. Durante o exame retal, deve ser avaliada a próstata, o tônus anal, a área uretral e pélvica e, se possível, o triângulo vesical, além de exames complementares de hemograma, bioquímico e eletrolítico, exame de urina, imagem e PA.

Exames complementares de hemograma, bioquímico e eletrolítico, exame de urina e urocultura (sugestão de infecções e neoplasias), imagem, PA e cistoscopia, são fundamentais para identificação da causa e estabelecimento do diagnóstico e protocolo terapêutico.

O tratamento pode ser clínico ou cirúrgico, devendo considerar a utilização do tratamento medicamentoso, antes de recorrer à cirurgia. De forma indireta, os estrógenos afetam o fechamento da uretra, através da sensibilização dos -receptores às

catecolaminas endógenas ou exógenas, acarretando em uma melhora no tônus uretral através do aumento dos receptores adrenérgicos na musculatura. Antidepressivos tricíclicos como a imipramina, também aumentam a capacidade da bexiga e aumento da pressão de fechamento uretral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As patologias que acometem os cães com um alto índice de apresentação, de difícil diagnóstico e do fundamental conhecimento das várias causas que acometem o sistema genitourinário que devem ser consideradas no diagnóstico diferencial da patologia. Diante disso, se faz fundamental os conhecimentos de técnicas de diagnóstico, assim como conhecer a sintomatologia das patologias relacionadas ao trato urinário e meios de tratamento, para uma efetividade no diagnóstico, aumentando assim a possibilidade de um bom prognóstico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. VOORWALD, F. A.; TIOSSO, C. DE F.; TONIOLLO, G. H. Incontinência urinária após gonadectomia em fêmeas caninas. **Ciência Rural**, v. 40, n. 3, p. 718–726, mar. 2010.
2. RIBEIRO, N. A. S. Infecção do trato urinário inferior em cães. Revisão de literatura. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 9, n. 1, p. 38–41, 1 jan. 2011.